

U. PORTO

# incipit<sup>1</sup>

WORKSHOP DE ESTUDOS MEDIEVAIS  
DA UNIVERSIDADE DO PORTO  
2009-10

**GIHM**

GRUPO INFORMAL DE  
HISTÓRIA MEDIEVAL



**U. PORTO**

think medieval

COORDENAÇÃO DE  
FLÁVIO MIRANDA E JOANA SEQUEIRA

UNIVERSIDADE DO PORTO  
FACULDADE DE LETRAS  
BIBLIOTECA DIGITAL, 2012

Grupo Informal de História Medieval  
CITCEM, Universidade do Porto, Faculdade de Letras  
Via Panorâmica 4150-564 Porto Portugal

[www.gihmedieval.com](http://www.gihmedieval.com)

***Incipit 1***  
***Workshop de Estudos Medievais da Universidade***  
***do Porto, 2009–10***

COORDENADORES

Flávio Miranda  
*CITCEM, Universidade do Porto*

Joana Sequeira  
*CITCEM, Universidade do Porto*

Porto, 2012  
Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Biblioteca Digital  
ISBN: 978-972-8932-94-7

Apoio:

**FCT**  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

 **CITCEM**  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR  
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

**U. PORTO**

## **Ficha técnica**

Título: Incipit 1. Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto, 2009–10

Coordenadores: Flávio Miranda, Joana Sequeira

Editor: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Biblioteca Digital

Local de edição: Porto

Ano de edição: 2012

ISBN: 978-972-8932-94-7

Capa: Flávio Miranda

Grupo Informal de História Medieval

CITCEM, Universidade do Porto, Faculdade de Letras

Via Panorâmica 4150-564 Porto Portugal

[www.gihmedieval.com](http://www.gihmedieval.com)

## SUMÁRIO

Lista de autores .....	vii
<i>Incipit</i> .....	ix
Filipa Lopes O Domínio Fundiário do Mosteiro de Paço de Sousa nos séculos XI e XII. Apresentação de um Projecto de Dissertação de Mestrado em História Medieval.....	1
Giulia Rossi Vairo <i>Pro Salute Animae</i> : a peregrinação do rei D. Dinis a Compostela. ....	9
João Costa Palmela nos finais da Idade Média. Estudo do códice da Visitação e Tombo de propriedades da Ordem de Santiago de 1510. Apresentação do projecto de Mestrado .....	23
Thiago Borges Da sacralidade à centralidade: breve análise comparatista acerca das representações cartográficas da cidade de Jerusalém nos mapas-múndi medievais do século XIII.....	31
Helena Regina Lopes Teixeira Elites Sociopolíticas na Urbanização do Porto no Final da Idade Média.....	45
Maria Amélia Álvaro de Campos Estudar uma Colegiada Urbana Medieval no contexto de um projecto de doutoramento.....	57
Marta Dias A Liturgia dos Defuntos na Arte Funerária Medieval .....	65
Rita Nóvoa As atitudes face à doença no Portugal dos séculos XIV e XV: a lepra, os leprosos e as leprosarias.....	77
Gonçalo Graça Portugueses na Biscaia nos finais da Idade Média.....	89
Helena Pizarro A Rua Nova na cidade do Porto entre os séculos XV e XVI: urbanismo, construção e sociedade .....	99

## LISTA DE AUTORES

**Thiago Borges**

Universidade de Lisboa

**Maria Amélia Álvaro de Campos**

Universidade de Coimbra

**João Costa**

CEH, Universidade Nova de Lisboa

**Marta Dias**

CITCEM, Universidade do Porto

**Gonçalo Graça**

Universidade da Cantábria

**Filipa Lopes**

CITCEM, Universidade do Porto

**Rita Nóvoa**

IEM, Universidade Nova de Lisboa

**Helena Pizarro**

Universidade do Porto

**Helena Teixeira**

CITCEM, Universidade do Porto

**Giulia Rossi Vairo**

IHA, Universidade Nova de Lisboa

## *INCIPIT*

Mais de dois anos depois da realização do primeiro Workshop de Estudos Medievais (WEM), é finalmente publicado o volume inaugural que reúne os textos apresentados e discutidos pelos oradores das edições de 2009 e 2010. Organizado pelo Grupo Informal de História Medieval da Universidade do Porto, com a colaboração do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM), e do Curso de Mestrado em História Medieval e do Renascimento da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, o WEM é um fórum anual de discussão científica destinado a mestrandos e doutorandos em Estudos Medievais.

Este volume não é temático. Nas primeiras duas edições do WEM foram debatidas questões relacionadas com as ordens militares, história urbana, arte funerária, cartografia histórica, e questões sobre os portugueses como estrangeiros, domínios fundiários de mosteiros, colegiadas urbanas e a lepra em Portugal na Idade Média. Os leitores encontrarão aqui um conjunto de trabalhos em estado embrionário: são ideias de um projeto, hipóteses de investigação e resultados preliminares de estudos de história, história da arte e cartografia histórica. Para alguns dos autores, esta é mesmo a sua primeira publicação científica. Daí que *Incipit* seja o título adequado para este volume – por representar um começo e poder ser o princípio de uma carreira de investigação.

Este volume é o produto do trabalho dos mestrandos e doutorandos que participaram no WEM, cujos textos foram apreciados numa primeira fase por professores de várias universidades portuguesas, para estes que os pudessem melhorar e desenvolver. O nosso primeiro obrigado é endereçado aos autores e a todos os professores que contribuíram com a sua experiência e conhecimento nas sessões do WEM. Os editores querem ainda agradecer a todos os membros do Grupo Informal de História Medieval, ao Professor Luís Miguel Duarte e à Professora Cristina Cunha (então diretora do curso de mestrado de História Medieval e do Renascimento); ao Professor Gaspar Martins Pereira, pelo apoio do CITCEM a esta iniciativa, e à Dr.<sup>a</sup> Paula Montes Leal, pelo excelente trabalho na organização. Gostaríamos ainda de agradecer o apoio financeiro concedido pela Reitoria da Universidade do Porto e a Fundação para a Ciência e a Tecnologia para a organização do WEM e publicação deste volume.

Porto, novembro de 2011  
Flávio Miranda  
Joana Sequeira

## **Da sacralidade à centralidade: breve análise comparatista acerca das representações cartográficas da cidade de Jerusalém nos mapas-múndi medievais do século XIII**

Thiago Borges  
*Universidade de Lisboa*

### Resumo

Desprezando, por desconhecimento ou simples desinteresse, uma parte considerável da configuração sensitiva do mundo físico, a cartografia medieval manteve um olhar plenamente fixo a uma realidade que muitas vezes transcendia os restritos domínios de uma geografia meramente positiva. Providos de importantes acepções instrumentais, ainda que bem distantes das funcionalidades que atualmente atribuímos as nossas imagens mundi, os mapas-múndi medievais estão inseridos em um complexo contexto artístico e cultural que orientam todos os significados de sua criação. Por seu gosto enciclopédico, a cartografia medieval tornou possível a representação de personagens bíblicos, históricos e imaginários que estavam dissociados no tempo e no espaço, não existindo, portanto, uma linearidade histórica bem definida. Portanto, contemplando-os em seus estatutos específicos, o presente estudo se fundamenta na análise comparatista de três manuscritos do século XIII: os mapas-múndi de Ebstorf (1236), do Saltério (c. 1265) e de Hereford (c. 1290). A apreciação destes manuscritos evidencia uma nítida continuidade dos modelos cosmológicos concebidos nos séculos iniciais da Idade Média e permitem-nos traçar uma comparação sistemática de alguns elementos iconográficos e simbólicos expressos nas diferentes formas de representação cartográfica da cidade de Jerusalém.

### Abstract

Refuting – by ignorance or by mere lack of interest – a considerable part of the configuration of the physical world, medieval cartography kept a close eye to a reality that often used to transcend the domains of real Geography. Even possessing important and valuable instruments - thought still distant from the actual functions recognized of the *imagines mundi* - medieval mapamundi took part of a complex artistic and cultural context which determinate their conception and meaning. Considering the syncretic nature of this cartography, the representation of biblical, historical and fantastic entities in a same space was a common procedure, even contemplating a possible lack of historical linearity between them. In this way, considering their specific status, the present study is based on a comparison between three XIII century manuscripts: the Ebstorf (1236), the Psalter (c. 1265) and the Hereford (c. 1290) maps. The conception of these manuscripts shows an evident continuation of the cosmological models conceived in the early Middle Ages, which allow us, nowadays, to establish a comparison between some iconographic and symbolical elements conveyed in the different forms of the Jerusalem depictions.

Não nos enganaremos se demonstrarmos as coisas invisíveis por intermédio das visíveis<sup>1</sup> exclamava o Papa Gregório Magno (590-604) em meio aos constantes embates teológicos acerca da produção e veneração de imagens sagradas que se propagaram no cerne da Igreja nos séculos iniciais da Idade Média. Ávido defensor das imagens como um instrumento didático e doutrinário, Gregório acreditava que as pinturas eram a leitura daqueles que não sabiam ler, um universo simbólico no qual os analfabetos contemplavam tudo aquilo que deveriam imitar e seguir. Sendo a maioria da população

---

<sup>1</sup> *Ab re non facimus si per visibilia invisibilia demonstramus*, Gregório Magno, *Epístola* 9.147. *Apud* Peter Burke, *Tes-temunha Ocular* (São Paulo: Edusc, 2004), 57.

iletrada, os fiéis viam nas passagens bíblicas estampadas nas paredes das igrejas ou nos manuscritos ilustrados a consolação de suas almas diante da vacuidade de seus corpos. Segundo a célebre fórmula de Gregório Magno, as imagens faziam como que todos pudessem ver para compreender e guardar na memória o que apenas o clero podia ler. Com as imagens seus espíritos sentiam aquilo que seus olhos não podiam ver, fazendo de seu mundo um espaço uniforme e singular, onde o imaginário se confundia naturalmente com seus espaços físicos. No centro deste universo ambivalente as imagens passavam a ser lidas e contempladas segundo a ordem do pensamento e não segundo a ordem de uma realidade sensível, incluída em um lugar, um tempo, um espaço único e sintetizado,<sup>2</sup> não existindo fronteiras claras e bem definidas entre seus espaços reais e metafísicos.

Neste sentido vemos que a ampla evocação religiosa dos elementos iconográficos outrora exaltada como a bíblia daqueles que não sabiam ler, é hoje concebida como a teoria didascálica que, segundo Umberto Eco, reside fundamentalmente na extensa utilização da sensibilidade simbólica como expressão máxima de um sistema pedagógico e de uma política cultural que se edifica por intermédio dos processos mentais próprios de cada época.<sup>3</sup> Não se pode negar que esta constante oscilação entre esferas de realidade ambivalentes que na Idade Média confrontara o real e o possível, o sagrado e o profano ou o visível e o invisível ainda hoje provoca em nós, observadores contemporâneos, um estranho e, por vezes, anacrônico olhar sobre o universo medieval.

Conceber e determinar as reais motivações que edificaram a espiritualidade, as mentalidades ou as verdades dos homens medievais certamente não é uma das tarefas mais fáceis para nós historiadores isso porque elas são extremamente mutáveis no tempo e no espaço e quase sempre são expressas ou materializadas de formas plenamente simbólicas, fazendo com que toda a lógica estrutural do imaginário medieval se manifeste de maneiras diametralmente opostas ao pragmatismo racionalista característico das sociedades modernas. Assim sendo, vemos que o homem medieval, como bem destacou Emile Mále, produziu uma visão profundamente idealista do esquema do Universo, adotando a convicção que tanto a História quanto a natureza deveriam ser entendidas e interpretadas como vastos símbolos.<sup>4</sup>

Na Idade Média este importante simbolismo se presentifica igualmente na representação gráfica dos espaços e das realidades humanas, elemento que fora uma preocupação constante em diferentes momentos da História. Uma constante sempre repleta de variáveis que garantiu a este ramo do conhecimento humano uma diversidade infundável de formas e significados. Em cada uma delas estava presente muito mais do que a simples descrição de rios, montanhas ou fronteiras naturais estava, acima de tudo, a necessidade intrínseca de representação de elementos que moldam, para além do mundo físico, uma complexa rede de percepções e construções sócio-culturais que permanecem subscritas nos longos traços que compõem uma *imago mundi*.<sup>5</sup> Tais percepções, tão específicas de cada sociedade, bem como as distintas formas traçadas por cartógrafos e artistas ao longo das eras, nos ensinam não somente aquilo que todo e qualquer homem poderia de fato ver e tocar. Elas não nos falam unicamente das formas de tudo aquilo que é evidente a olho nu, isto porque elas igualmente suscitam as mentalidades dos homens de seu tempo, expondo sensibilidades que transcendem suas próprias realidades materiais, aguçando e despertando sentidos e interesses singulares séculos após sua produção.

Mediadores entre o mundo real e espiritual, compreende-se aqui que os *mappaemundi* medievais se apresentam como um elemento sempre sucetível a várias interpretações historiográficas distintas que são necessariamente dependentes dos

<sup>2</sup> Mireille Mentré, *La peinture mozárabe* (Paris: Presses Universitaires de Paris Sorbonne, 1984), 154.

<sup>3</sup> Umberto Eco, *Arte e beleza na estética medieval* (Lisboa: Presença, 1989), 70.

<sup>4</sup> Emile Mále, *The gothic image: religious art in France of thirteen century* (New York: Harper & Brothers Publishers, 1958), 15.

<sup>5</sup> O termo *imago mundi* é particularmente interessante neste contexto justamente por abarcar as diversas teorias cosmológicas sem excluir as diferentes formas de representação gráfica da Terra.



códigos e dos processos mentais estabelecidos por seus observadores específicos dentro do contexto histórico e cultural em que estes estão inseridos. São estas múltiplas associações entre a memória e os sentidos evocados por seus traçados que conferem à produção cartográfica medieval uma ampla diversidade de formas, cores, símbolos e significados, fazendo com que os diferentes propósitos suscitados pelas narrativas não-lineares destes mapas conduzissem a diferentes representações acerca da imagem e da forma do mundo.

Esta importante diversidade iconográfica foi, entretanto, perdendo espaço à medida que os sistemas mentais e imaginários presentes na cartografia medieval passam a ser progressivamente substituídos pelos rígidos e positivos postulados geográficos que primavam não somente pela afirmação dos novos conceitos postos em voga, mas igualmente pela negação dos sistemas anteriores.<sup>6</sup> A exaltação realista da Era moderna bem como as novas realidades geográficas traçadas a partir dos grandes Descobrimentos marítimos, trouxeram conseqüentemente uma significativa redução das formas do mundo pensadas e desenhadas pelos homens medievais. Esta profunda modificação epistemológica que para muitos representa um passo crucial no processo evolutivo das ciências geográficas e humanas, para outros representa um certo retrocesso na configuração e na representação iconográfica dos espaços físicos e mentais, uma vez que o crescente apelo à razão e ao realismo eliminou muito das formas imaginárias e dos traços culturais até então expressos nos mapas medievais.

No caso específico dos mapas-múndi medievais, que primordialmente representam uma arte institucional sob a tutela intelectual da Igreja, percebemos uma íntima interdependência entre as imagens apresentadas e os textos e legendas que as fundamentam. Seria como se o cartógrafo colocasse ordem no mundo, traçasse seus limites e suas verdades guiando-se pelos textos contidos nas sagradas escrituras e por outras fontes de autoridade legitimada pela cristandade.

Providos de importantes acepções instrumentais, ainda que bem distantes das funcionalidades que atualmente atribuímos às nossas imagens mundi, estes documentos estão inseridos num complexo contexto artístico e cultural que orientam todos os 'porquês' de sua criação. Muitas vezes traçados por autores anônimos com diferentes intenções e estratégias, muitos mapas medievais narram por intermédio de concepções pictóricas hierarquizadas, toda a história da humanidade desde suas origens, constituindo verdadeiros compêndios de idéias, conceitos e fontes distintas que foram compiladas e editadas seguindo propósitos e funcionalidades específicas.

Desprezando, por desconhecimento ou simples desinteresse, uma parte considerável da configuração sensitiva do mundo material que os circundava, os mestres e artistas medievais mantinham o olhar plenamente fixo para outra realidade: a espiritual. Esta outra realidade, que transcendia os domínios sensitivos de uma geografia meramente positiva, era dotada de um intenso sentido simbólico que permitia a representação em um mesmo plano de eventos e personagens históricos, bíblicos ou imaginários que estavam dissociados no tempo e no espaço, não existindo, portanto, uma linearidade histórica bem definida. Por seu gosto enciclopédico, estas singulares expressões da cultura medieval não devem ser concebidas ou sistematizadas como simples instrumentos operativos, uma vez que, neste caso específico, o espaço adquire fisionomia cartográfica essencialmente vinculada a uma estrutura alegórica, com referências apenas ocasionais à conformação terrestre, mesmo quando era perfeitamente conhecida.<sup>7</sup>

A este respeito não restam dúvidas de que num mapa-múndi sempre haverá visões, idéias e conceitos que serão privilegiados em detrimento de outros, elemento que caracteriza, até os dias atuais, a intencionalidade inerente a estas representações.

<sup>6</sup> Se recuarmos brevemente ao pensamento positivista e aos parâmetros cartográficos postulados pelas sociedades geográficas no século XIX verificar-se-á o sentido anacrônico e a parcialidade com o qual os mapas medievais passaram a ser tratados. Longe dos reais sentidos suscitados por estes manuscritos observamos o total desprezo de seus métodos e funcionalidades em detrimento de uma exaltação plenamente racionalista.

<sup>7</sup> Ugo Tucci, "Atlas", in *Enciclopédia Einaudi*, dir. Ruggiero Romano (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984), I: 139.

Do pinax grego ao eurocentrismo moderno passando pela tripartição funcional da orbis terrarum no período medievo, vemos que tais parcialidades derivam em grande parte dos amplos e consistentes regimes de verdades e crenças postulados por cada sociedade, fazendo com que seus discursos específicos estejam impressos nas subjetividades próprias destas representações. Assim sendo, como numa espécie de caleidoscópio, as representações cartográficas do mundo a cada movimento, a cada Era histórica, se apresentam das mais distintas formas, transcendendo a realidade material de seus criadores e contemplando as perenes mutações epistemológicas e mentais das novas gerações.

A ampla diversidade de formas e símbolos atribuídos a uma mesma tipologia documental ao longo dos tempos impossibilita consideravelmente a formulação de conceitos restritivos que conduzam à redução ou à negação de certas tradições e representações gráficas dos espaços. Entretanto, para não nos desviarmos dos nossos objetivos iniciais e entrarmos nos intermináveis pormenores das definições acadêmicas acerca destes documentos, cabe-nos aqui somente explicitar um único conceito que fundamentará o presente estudo. Desta forma, em consonância com os escritos de J. B. Harley e David Woodward, assumiremos uma definição que contempla os mapas enquanto representações gráficas que facilitam a compreensão espacial das coisas, conceitos, condições, processos ou eventos do mundo humano.<sup>8</sup> Apesar de aparentemente simples, este considerável alargamento conceitual permite-nos contemplar, sem julgamentos a priori, os longos traços que compõem um mapa-múndi medieval, explorando-os não somente como uma figura do mundo mas igualmente como um retrato da sua concepção, considerando-os como parte de um contexto pessoal de memória artística e do pensamento medieval.<sup>9</sup> Em síntese, esta breve definição permite-nos compreender como estas imagens e textos sugerem e certamente sugeriram um diferente olhar sobre os espaços físicos e espirituais que compunham o amplo e figurado universo do homem medieval.

É neste extenso contexto teórico-metodológico que se apresentam as perspectivas iniciais da presente investigação. À luz da História das Mentalidades com o importante auxílio da História da Arte pretende-se aqui promover uma breve análise comparatista dos elementos iconográficos e iconológicos que simbolizam a representação cartográfica da cidade de Jerusalém nos mapas medievais. Para a consecução de tais objetivos três manuscritos do século XIII serão particularmente analisados e contrastados neste breve estudo. Trata-se dos mapas de Ebstorf (c. 1236)<sup>10</sup>, do Saltério (c. 1260)<sup>11</sup> e de Hereford (c. 1290).<sup>12</sup> Documentos que, originários de uma mesma tradição cartográfica, a qual se convencionou tardiamente designar de mapas orósio-isidorianos ou simplesmente tripartidos (T/O), compartilham fontes e referências que fundamentam a essência de seus traços. Para além da Bíblia, base por excelência das produções artísticas medievais, encontramos uma imensurável rede de fontes textuais, orais ou de tradição imaginária que convergem mutuamente na edificação dos elementos formativos da cartografia medieval.

A proximidade formativa dos documentos selecionados neste elenco de imagens corrobora com a tese comparatista de que as imagens sempre retomam algo, fazendo com que estes traçados recriem e reestabeleçam permanentemente ligações iconográficas com elementos anteriores à sua produção. Ainda que os traços e as mensagens a serem transmitidas por estes mapas sejam independentes entre si, observamos na essência de cada um deles um modelo em comum que é personalizado em estreita consonância com intenções e as visões específicas de seus criadores. A análise iconológica dos documentos apresentados evidencia uma nítida continuidade dos modelos cosmológicos concebidos nos séculos iniciais da Idade Média e nos

<sup>8</sup> John B. Harley e David Woodward, ed., *The History of Cartography: Cartography in prehistoric, ancient, medieval Europe and the Mediterranean*, (Chicago/London: Chicago University Press, 1987), I: XVI.

<sup>9</sup> Naomi Kline, *Maps of medieval thought: the Hereford paradigm* (Suffolk: Boydell Press, 2005), 14.

<sup>10</sup> Cf. apêndice documental, imagem 1.

<sup>11</sup> Cf. apêndice documental, imagens 2 e 3.

<sup>12</sup> Cf. apêndice documental, imagem 4.

permite a comparação sistemática de alguns elementos iconográficos e simbólicos expressos nos mapas medievais.

Das pequenas páginas ilustradas de um saltério aos imponentes murais e altares das catedrais medievais estas imagens mundi se faziam vivamente presentes no cotidiano dos homens de seu tempo, aguçando constantemente seus sentidos e percepções diante do sagrado. Apesar das divergências iconográficas, o certo é que os três documentos em questão narram momentos diferentes da paixão de Cristo, remetendo, em linhas gerais, à mesma mensagem de salvação. A imagem de Jerusalém entronizada no centro destas cartas reafirma esta promessa.<sup>13</sup> Portanto, para que possamos compreender as verdades presentes nestes documentos devemos fundamentalmente compreender as realidades de seus próprios criadores e observadores. Precisamos antes de tudo alcançar o espírito do homem que enxergava nestes mapas algo além de sua própria materialidade, que via ali muitos dos elementos que norteavam a sua espiritualidade.

#### MAPA DE EBSTORF (C.1236)

Célebre por suas monumentais formas, o mapa de Ebstorf foi, até os bombardeios infligidos à cidade de Hanover em 1943, a maior e principal representação cartográfica que nos havia sido legada pelo medievo ocidental. O manuscrito, composto de trinta folhas pergaminho com cerca de 3,5 metros de diâmetro, encontrado ao acaso no convento de Ebstorf, em 1830, foi mais um dos tantos tesouros históricos que se perderam em meio aos conflitos armados da Segunda Guerra Mundial, restando apenas quatro cópias produzidas a partir do manuscrito original. Apesar da inestimável perda para a História da cartografia, ainda podemos contemplar e extrair alguns elementos essenciais para o nosso estudo por intermédio das reproduções existentes. Evidentemente que por tratarmos aqui de um fac-símile e não do documento propriamente original deveremos estabelecer de início certos cuidados de análise que englobam fundamentalmente as questões relativas à fidedignidade iconográfica e cromática, aspectos primordiais que certamente sofreram alterações consideráveis no processo de reprodução.

Seu ideário, Gervásio de Tilbury, provavelmente teve como principal modelo formativo uma carta de tamanho reduzido que acompanhava o manuscrito dos *Otia Imperialia* dedicados ao imperador Oto IV de Brunswick.<sup>14</sup> No caso específico do mapa Ebstorf que até onde se tem notícia, é a primeira carta-mural medieval a situar a cidade de Jerusalém como o centro do mundo, vemos que as legendas apresentadas confundem-se naturalmente com seus traçados cartográficos, reforçando a exaltação religiosa atribuída à cidade de Jerusalém como a terra da salvação, onde se consumou a ressurreição do Senhor. Esta constatação pode ser particularmente evidenciada numa das tantas epígrafes descritas por Gervásio de Tilbury: “Jerusalém é a mais célebre dentre todas as cidades do mundo, porque foi nela que se realizou a salvação do gênero humano pela morte”.<sup>15</sup>

A nítida convergência entre o texto escrito e as imagens apresentadas instiga e reforça os sentidos dos fiéis frente à sacralidade e a importância da cidade de Jerusalém. Sempre exaltada pela cristandade medieval como um espaço dualista com profundas ressonâncias soteriológicas e escatológicas,<sup>16</sup> a Jerusalém terrestre e a Jerusalém celeste enriqueciam a convicção cruzadista de que a redenção dos pecados e a salvação da alma poderiam ser alcançadas na Terra, ainda em vida. Esta importante representação dos espaços sagrados e profanos no interior de uma sociedade intimamente vinculada aos fenômenos de hierofania,<sup>17</sup> como particularmente se observa no Ocidente me-

<sup>13</sup> Maria Eurydice de Barros Ribeiro, “O Sentido da História: Tempo e espaço na cartografia medieval (séculos XII-XIII)”, *Tempo/Universidade Federal Fluminense*, 7 (2003): 24.

<sup>14</sup> IDEM, “A Geografia da Salvação: itinerários do conflito e do perdão”, *Anais do Simpósio Regional da ANPUH* (2004): 2.

<sup>15</sup> *Hec civitas celeberrima capud omnium civitatum toti mundo extat, quia in ea salus humani generis morte (...)*. Mapa de Ebstorf, cf. nota XIV.

<sup>16</sup> Jean Flori, “Jerusalém e as cruzadas”, in *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, ed. Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt (São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, 2006), II: 8.

<sup>17</sup> A este respeito, cf. Mircea Eliade, *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões* (Lisboa: Livros do Brasil, 19--?).

dieval, fez com que Jerusalém assumisse para os cristãos um sentido mítico e místico, portadora da singular virtude de ser, ao mesmo tempo, uma cidade temporal e espiritual. Jerusalém simboliza, portanto um ponto de confluência entre duas realidades distintas que interagem constantemente, fazendo com que todo o macrocosmo que a circunda se espelhe no ideal de perfeição que emana deste microcosmo central.

Neste sentido, vemos que no interior das muralhas de Jerusalém, expressa em um quadrado central de bordas curvadas, Gervásio de Tilbury presentifica o momento da ressurreição de Cristo.<sup>18</sup> Nesta representação, Cristo, aparentemente já em espírito pela leveza com que seu corpo se sobrepõe ao soldado romano adormecido à beira de sua sepultura, aparece recoberto por um manto dourado.<sup>19</sup> Evidentemente que todos os elementos iconográficos aqui descritos são dotados de um importante sentido simbólico que reconstroem, por intermédio das imagens, a descrição bíblica do triunfo de Cristo sobre a morte.<sup>20</sup> A própria utilização do dourado sobreposto a pigmentação branca é recorrentemente associado ao advento da ressurreição, remetendo à exaltação da glória, da pureza e da eternidade de Cristo frente aos limites da carne, isto é, do mundo temporal.

Outro elemento que merece particular destaque na representação iconográfica de Jerusalém, presente em Ebstorf, diz respeito à fidelidade da forma atribuída à cidade frente à sua descrição no texto bíblico, fenômeno que não se observa nos mapas do Saltério e de Hereford. Sendo a Bíblia uma das principais fontes de referência para a produção artística, e conseqüentemente cartográfica, na Idade Média torna-se intrigante o fato de alguns iluminadores, em nítida contraposição à descrição presente no livro do Apocalipse,<sup>21</sup> representa-lá em formato circular. Esta iconografia se verifica não somente nos mapas acima referidos, mas igualmente em outras cartas topográficas coevas.<sup>22</sup> Entretanto, no campo da análise simbólica entendemos que a recorrente figuração círculo como uma forma de perfeição, homogeneidade e totalidade pode, em parte, explicar as divergências existentes entre o texto bíblico e as imagens apresentadas em certos mapas medievais.

Simbolismo de uma época pré-cristã o círculo, pela ausência de distinção entre suas partes e pelo movimento contínuo e imutável de seu traçado, sempre fora descrito como a forma geométrica perfeita. Recorrente em distintas sociedades humanas ao longo dos tempos esta perfeição conceitual que emana das representações iconográficas do círculo fundamenta sua vinculação direta com o elemento do divino e do sagrado. A importância iconográfica do círculo como símbolo celeste nos remete ainda à Antiguidade Clássica e as inscrições de Hermes Trismegistus que atribui a Deus uma forma circular.<sup>23</sup> Mais recentemente, Naomi Kline, em seu estudo acerca do mapa de Hereford destaca a existência de inúmeras iluminuras medievais em que Deus Pai é representado como “O Grande Arquiteto” no momento da criação do mundo, segurando um compasso onde este desenha o círculo terrestre.<sup>24</sup>

Outra possível justificação conceitual para a existência desta diversidade de formas atribuídas a um mesmo espaço reside primordialmente na conotação simbólica não somente do círculo, mas igualmente do quadrado. Isto porque, enquanto o círculo evoca um simbolismo sempre associado ao sagrado, o quadrado por excelência sinaliza tudo aquilo que é mundano ou temporal. Jean Chevalier descreve que o quadrado é o símbolo da terra por oposição ao céu, destacando que, num outro nível de análise, o

<sup>18</sup> Cf. apêndice documental, imagem 5.

<sup>19</sup> É importante destacarmos que há, dentre as cópias remanescentes, uma clara divergência entre as cores e as formas atribuídas às representações cartográficas da cidade de Jerusalém no mapa de Ebstorf, sendo que em uma delas o manto que recobre o corpo de Cristo é representado em branco não em dourado como descrevemos.

<sup>20</sup> “Sabendo que, tendo sido Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte não mais tem domínio sobre ele.” Romanos 6:9. Bíblia de Jerusalém (São Paulo: Paulus, 1985), 2128.

<sup>21</sup> “A cidade era quadrangular; e o seu comprimento era igual à sua largura. E medi a cidade com a cana e tinha ela doze mil estádios; e o seu comprimento, largura e altura eram iguais.” Apocalipse 21:16. Ibid., 2327.

<sup>22</sup> A este respeito, cf. P.D.A Harvey, *The History of topographical maps: symbols, pictures and surveys*, (London: Thames & Hudson, 1980).

<sup>23</sup> “Deus é um círculo cujo centro está em todo lugar e cuja circunferência está em lugar algum.”

<sup>24</sup> Naomi Kline, *Maps of medieval thought*, 10.

quadrado pode fundamentar a antítese do transcendente por oposição ao incriado e ao criador.<sup>25</sup>

Sendo Jerusalém um espaço de reconhecida ambivalência que transita entre duas realidades distintas, entendemos que ambas as representações iconográficas se tornam plausíveis no campo da simbólica, uma vez que a partir de suas formas elas podem exprimir sentidos próprios de análise que evoquem a importância tanto temporal quanto espiritual da cidade.

#### MAPA DO SALTÉRIO (C. 1260)

O mapa do Saltério, de autoria desconhecida, é possivelmente uma cópia em tamanho reduzido (cerca 15x10 cm) de uma carta-mural encontrada originalmente pintada nas paredes do Palácio de Westminster nas proximidades de Londres. Datado da segunda metade do século XIII, o mapa recebe essa denominação tardiamente por ser parte constituinte de um livro de Salmos que se encontra atualmente conservado na British Library.<sup>26</sup>

De início é válido destacar que o fato concreto desta iluminura representar possivelmente uma cópia produzida a partir de um original em maior escala impõe-nos certos problemas de análise. A primeira delas se esmera na impossibilidade de afirmarmos com razoável margem de segurança quais os reais parâmetros formativos deste manuscrito, uma vez que, para além de meras especulações, desconhecemos as origens e as bases iconográficas que fundamentaram a produção deste mapa. A segunda se verifica pelo reduzido tamanho da iluminura, que acarreta necessariamente uma considerável diminuição dos detalhes e dos pormenores representados na carta.

Para além das debilidades metodológicas que se apresentam em um primeiro plano de análise, vemos que outras problemáticas historiográficas consideráveis se fazem igualmente pertinentes ao estudo sistemático deste manuscrito. O mapa do Saltério diferentemente dos outros dois monumentos cartográficos contrastados é um documento anônimo e que não apresenta, para além das epígrafes que apontam e nomeiam os locais expressos no mapa, legendas adjacentes a seus traços. Entretanto, é certo que mesmo os silêncios presentes no mapa suscitam importantes possibilidades de apreciação crítica que, em certa medida, nos aproximam dos verdadeiros significados de sua criação. Um claro exemplo disto reside na própria questão do anonimato que em parte pode ser justificada pelo fato concreto da arte medieval ser, por excelência, uma arte religiosa em que os méritos da produção artística não são vinculados diretamente a seu criador. Por outro lado, entendemos que o próprio texto que acompanha a iluminura,<sup>27</sup> o mosteiro que o produziu<sup>28</sup> ou ainda o possível encomendador da obra<sup>29</sup> possam nos indicar importantes vestígios para traçarmos alguns caminhos mais seguros de análise frente às tantas lacunas existentes.

No caso particular do mapa do Saltério a representação gráfica de Jerusalém é expressa por dois círculos entrecruzados, não concêntricos, sendo que somente o círculo interno representa suas muralhas.<sup>30</sup> A cidade destaca-se frente às demais não somente pela centralidade na carta, mas igualmente pela epígrafe em letras maiores que a acompanha. Nos limites de uma iconografia restrita às dimensões do documento verificamos que este se diferencia dos mapas anteriormente apresentados pela ausência de símbolos ou referências que façam menção à Paixão ou à vida de Cristo, limites que são parcialmente transpostos pela rica ornamentação artística e simbólica expressa em todo o mapa.

<sup>25</sup> Jean Chevalier e Alain Gheerbrant. *Dicionário dos símbolos, mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores e número*. (Lisboa: Teorema, 1982), 548.

<sup>26</sup> London, British Library, Add. MS. 28681, fol. 9r.

<sup>27</sup> O mapa do Saltério acompanha o manuscrito do Salmo 74, passagem bíblica que é notavelmente remarcada por sua ampla exaltação escatológica.

<sup>28</sup> Muitos destes manuscritos serviam de instrumento doutrinário para os ofícios litúrgicos e para os momentos de estudo dos próprios monges.

<sup>29</sup> Neste sentido, é válido relembrarmos que estes manuscritos iluminados, sobretudo por sua rica ornamentação artística, eram comumente encomendados por importantes membros da hierarquia nobiliárquica ou eclesiástica.

<sup>30</sup> Cf. apêndice documental, imagem 6.

Em linhas gerais, o mapa retoma a representação iconográfica da justaposição de duas esferas de realidade distintas, reforçando a exaltação ambivalente do pensamento medieval. A partir da análise das imagens apresentadas em torno dos limites do círculo terrestre, sugerimos que seu idealizador expressa a submissão do mundo material ao mundo espiritual, ressaltando a sobreposição do divino frente às coisas humanas e materiais. Na parte frontal do mapa vemos, na porção superior, a representação de Jesus Cristo triunfante sobre o mundo e a humanidade. Ladeado por dois anjos, ele abençoa o mundo segurando em sua mão esquerda uma pequena órbita em formato tripartido que nos remete ao modelo T/O, concebido nos séculos iniciais da Idade Média. As dimensões e a posição superior da imagem de Cristo e dos anjos sobrepostos ao círculo terrestre levam-nos a crer que o mundo se mostra como o próprio templo de Deus. A imagem de Cristo, sem qualquer marca de sua crucificação, aparece representada como Pantocrator termo que é tradicionalmente atribuído às imagens de Cristo em majestade.

Logo abaixo da orbis terrarum, vemos a representação de dois dragões, um símbolo extremamente ambíguo do bestiário medieval cristão que suscita diferentes interpretações plausíveis.<sup>31</sup> O jogo de imagens aqui apresentado indica a sobreposição de ícones nitidamente contrastantes entre si, presentificando todo o dualismo do mundo medieval em sua eterna disputa soteriológica entre o bem e o mal. Desta forma, o mundo tal qual apresentado pelo mapa do Saltério, se encontrava figurativamente em constante oscilação entre as potencialidades do céu e do inferno.

No verso, como uma espécie de complemento da parte frontal do mapa, a representação tanto do esquema tripartido do mundo, quanto da figura do Pantocrator se repetem. Neste, Cristo, saindo de sua postura inicial, é representado abraçando a orbis terrarum, envolvendo o mundo em seus braços, junto a seu corpo. Neste movimento Cristo incorpora e acolhe todas as raças, maravilhas e monstruosidades do mundo, aproximando-as sem qualquer distinção do corpo da Igreja. No campo da compreensão simbólica estas representações levam-nos a crer que o ato de abraçar fisicamente o mundo reafirma aos olhos dos fiéis a promessa eucarística de torna-se um com Deus.

Na parte inferior, os pés de Cristo esmagam a cabeça dos dragões anteriormente representados, subjulgando-os à vontade e as verdades divinas. Jean Chevalier<sup>32</sup> chama atenção para o sentido escatológico atribuído a esta recorrente representação iconográfica que exalta o triunfo da cristandade sobre todo o mal, concebendo a Igreja como o único e verdadeiro caminho para a redenção e salvação das almas. O mapa do Saltério, como um dos maiores exemplos comprovativos da nítida mensagem apostólica e doutrinária expressa pela cartografia medieval, confirma em seus traços a mensagem bíblica representando Cristo como o início e o fim de todas as coisas.<sup>33</sup>

#### MAPA DE HEREFORD (C. 1290)

Elaborado na última década do século XIII por Richard de Bello, o mapa preservado em exposição permanente na catedral inglesa de Hereford representa hoje o mais importante testemunho da cartografia medieval por ser o único sobrevivente em larga escala das cartas-murais medievais que efetivamente se conserva até à presente data. Com 1,65m de altura e 1,35m de comprimento, o mapa de Hereford atualmente se notabiliza pela vasta quantidade de trabalhos e pesquisas que vem sendo publicados a seu respeito e pelo nítido apelo histórico e cultural que atrai milhares de turistas à catedral que o abriga.

Não somente por sua notável monumentalidade, mas igualmente por sua rica ornamentação artística e simbólica o mapa de Hereford suscitou, ao longo dos tempos,

<sup>31</sup> Dentro das perspectivas simbólicas do bestiário medieval os dragões ora apresentam-se como criaturas demoníacas, por sua características tectônicas e sua assimilação a uma serpente, ora apresentam-se como criaturas representantes de potências divinas, por sua capacidade de voar e por sua força. Cf. Paulo R. Deus, "Forma do Mundo: O Programa Iconográfico do mapa-múndi de Hereford (Século XIII)" (PhD thesis, Universidade de Brasília, 2005), 44.

<sup>32</sup> Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, *Dicionário dos símbolos*, 272.

<sup>33</sup> "Eu sou o Alfa e o Omega, o princípio e o fim, diz o Senhor, que é, e que era, e que há de vir, o Todo-Poderoso". Apocalipse 1:8. *Bíblia de Jerusalém*, 2302.

o interesse de diversos interlocutores e observadores, muitos dos quais, cegos pela ânsia positivista, impuseram imensuráveis julgamentos precipitados acerca deste importante manuscrito. Muito da ignorância e do retrocesso atribuído à cartografia medieval, sobretudo a partir do século XIX, reside fundamentalmente na incompreensão daqueles que, sem pleno conhecimento de causa, negligenciaram o contexto e as realidades específicas dos traços que compõem este mapa, por vezes descrevendo-o tendenciosamente como “a mais dramática ilustração de como a imaginação religiosa medieval distorceu a ciência geográfica”.<sup>34</sup>

Foi necessário, portanto uma profunda transformação das estruturas mentais e cognitivas para que os nossos olhares e métodos de análise passassem a estar mais adequados à leitura e a compreensão assertiva de tais documentos. Foram estas novas visões sobre a cartografia medieval que possibilitaram o surgimento de recentes estudos que resgataram a importância destes documentos como fontes essenciais para a compreensão do universo figurativo e do cotidiano religioso no Ocidente medieval.

Entretanto, acerca das questões que circundam a análise iconográfica e iconológica da representação cartográfica da cidade de Jerusalém expressa no mapa de Hereford vemos primordialmente que, ao contrário do observado no mapa de Ebstorf, o fato de tratarmos aqui de um objeto original que ainda hoje se faz presente aos olhos de nossos contemporâneos traz-nos certas facilidades de análise, uma vez que, pelo bom estado de conservação do manuscrito, os traços e, em parte, as cores expostas seguem exatamente as intenções evocadas por Richard de Bello em finais do século XIII.

No caso específico de Hereford há um elemento central de análise a que devemos estar particularmente atentos. Trata-se do próprio local e de todo o contexto iconográfico presente na catedral que abriga o manuscrito. Neste sentido verificamos facilmente que a construção ideológica deste singular documento não se limita ao próprio pergaminho e às suas 1100 legendas, isto porque este mapa era parte constituinte de um painel em madeira talhada em estilo gótico, composto de três elementos fundamentais, que se encontrava exposto numa das capelas da catedral de Hereford. Esta grandiosa estrutura pictórica<sup>35</sup> apresenta à sua esquerda a imagem do anjo Gabriel e à direita a imagem da Virgem Maria, simbolizando, em conjunto, o ato da anunciação da concepção de Cristo. O mapa de Hereford, entronado no centro, reitera exaltação bíblica do Juízo Final presentificando no topo do documento a imagem Cristo em santidade no momento do julgamento das almas. Não restam dúvidas de que o destaque iconográfico atribuído a este conjunto de imagens reforça a possível leitura de que o advento do Juízo Final é a mensagem central a ser transmitida pelo mapa de Hereford. Desta forma, mesmo aqueles que não estavam aptos a ler os textos e legendas que acompanham o mapa poderiam perfeitamente assimilar a mensagem holística a ser transmitida pelas imponentes imagens à sua frente.

A própria evocação religiosa que emana da representação iconográfica de Jerusalém no mapa de Hereford está em plena consonância com a mensagem transmitida pelo documento. O que particularmente nos chama atenção neste mapa-múndi é o amplo apelo à dimensão escatológica assumida pela cidade que representa dentro de suas muralhas o momento da crucificação de Cristo<sup>36</sup>. No caso de Hereford, Jerusalém, assim como verificado no mapa do Saltério, é expressa em formato circular, retomando claramente a concepção cristã que exalta a cidade como *umbilicus mundi*.<sup>37</sup> Apesar de se tratar de um elemento notavelmente presente em todos os documentos aqui contrastados, vemos que a exaltação das perspectivas escatológicas suscitadas pela cidade Santa de Jerusalém se faz mais vivamente presente nos traços de Hereford. Não somente pelas imagens que constituem a sua representação cartográfica, mas principalmente

<sup>34</sup> Kenneth Nebenzahl, *Maps of the Bible lands* (London: Times Book Limited, 1986), 41.

<sup>35</sup> Naomi Kline, *Maps of medieval thought*, 8.

<sup>36</sup> Cf. apêndice documental, imagem 7.

<sup>37</sup> “Jerusalém é o umbigo do mundo, uma terra que é a mais fértil, superando até muitas outras, como um paraíso de delícias. Resgata a raça iluminada desta terra promissora, cheia de encantos para os que nela vivem, sagrada por seu sofrimento, redimida por sua morte e ilustre por seu funeral. Esta cidade real, situada no centro do mundo, está agora sendo cativa de seus inimigos [...]”. Roberto, o monge. *Apud* W.B. Bartlett, *História ilustrada das cruzadas* (Rio de Janeiro: Ediouro, 2002), 5.

pelos diferentes elementos iconográficos evidenciados em todo o manuscrito, que convergem mutuamente para a construção de um extenso e consistente discurso, que legitima aos olhos de todos a suprema sacralidade de Jerusalém entronizada no centro do ecúmeno terrestre.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final vemos que os monumentos cartográficos apresentados e contrastados neste breve ensaio registraram graficamente visões específicas frente à importância da representação de um espaço ambivalente que evoca para seus próprios criadores e para seus observadores contemporâneos uma diversidade imensurável de percepções frente a uma realidade que aguçava profundamente seus sentidos espirituais. Todas as cores, desenhos, detalhes e inscrições que acompanham as representações gráficas de Jerusalém reafirmam a importância da cidade como o centro físico e espiritual da cristandade medieval. Ambos os mapas, apesar da aparente simplicidade das formas atribuídas a cidade Santa de Jerusalém, são extremamente ricos e detalhistas frente às perspectivas simbólicas e religiosas exaltadas pelos textos bíblicos e eclesiásticos.

Neste sentido, vemos que a compreensão das mentalidades e do imaginário medieval em suas mais diversas formas e representações reside primordialmente no entendimento da dimensão antropológica e espiritual do homem medieval. Portanto, entendo que análise crítica de um mapa-múndi, seja como uma fonte histórica ou como um objeto artístico e religioso, quando contemplada em seus estatutos específicos, contribuirá decisivamente para a reconstrução dos elementos estruturais da dinâmica socio-cultural dos homens de seu tempo. Independente da época em que essas imagens são observadas, a verdade é que existiram e sempre existirão várias leituras e interpretações possíveis frente a estes importantes testemunhos históricos. Entretanto, devemos sempre considerar que, muito antes de se tornarem documentos ou objetos de análise historiográfica, estes mapas eram artefatos que possuíam um nítido valor artístico, religioso e por vezes didático.

Longe dos habituais e tendenciosos julgamentos de outrora, acredito que o passado deva ser mensurado segundo suas próprias unidades de medida, fazendo com que a leitura destes documentos se torne mais adequada ao entendimento do mundo e do homem medieval. Devemos assumir desde o início nossas intransponíveis limitações de compreensão plena acerca dos verdadeiros sentidos ou das reais sensações de um olhar coevo sobre esses mapas, isso porque eles não nos pertencem e, conseqüentemente, nunca estarão em consonância com os nossos olhares, com as verdades do nosso tempo. Se negarmos este princípio e os inserirmos em uma codificação puramente historicista estaremos, desde o início, caminhando pelas vias inseguras do anacronismo.

Portanto, ao final desta breve explanação vemos que os mapas-múndi medievais se apresentam como fontes de fundamental importância para o estudo da simbólica e das mentalidades que permeavam o amplo e ambivalente universo medieval. A correta apreciação historiográfica destes documentos certamente nos permitirá avançar passos consideráveis em nossa incessante busca de compreensão da memória, da espiritualidade e do imaginário dos tempos passados, reforçando a convicção de que, de fato, não nos enganaremos se demonstrarmos as coisas invisíveis por intermédio das visíveis.



APÊNDICE DOCUMENTAL:



**IMAGEM 1** – Fac-símile do mapa-múndi de Ebstorf (c.1236). Coleção privada. Disponível em: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/39/Ebstorfer-stich2.jpg>, acesso em 4 de Janeiro de 2009.



**IMAGEM 2** – Mapa do Saltério (c. 1260). British Library, Add. MS. 28681, fol. 9r. Disponível em: [http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Psalter\\_world\\_map.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Psalter_world_map.jpg), acesso em 4 de Janeiro de 2009.



**IMAGEM 3** – Mapa do Saltério (c. 1260). British Library, Add. MS. 28681, fol. 9v. Disponível em: [http://ogimages.bl.uk/images/011/011ADD000028681U00009V00\[SVC2\].jpg](http://ogimages.bl.uk/images/011/011ADD000028681U00009V00[SVC2].jpg), acesso em 4 de Janeiro de 2009.



**IMAGEM 4** – Mapa-múndi de Hereford (c. 1290). Manuscrito em exposição permanente na Catedral de Hereford. Disponível em: [http://en.wikipedia.org/wiki/File:Hereford\\_Mappa\\_Mundi\\_1300.jpg](http://en.wikipedia.org/wiki/File:Hereford_Mappa_Mundi_1300.jpg), acesso em 4 de Janeiro de 2009.



IMAGEM 5 – Mapa de Ebstorf (c. 1236): detalhamento da cidade de Jerusalém.



IMAGEM 6 – Mapa do Saltério (c. 1260): detalhamento da cidade de Jerusalém.



**IMAGEM 7** – Detalhamento da cidade de Jerusalém presente no fac-símile do mapa-múndi de Hereford de Konrad Miller (1896). Documento integral disponível em: <http://nuweb.neu.edu/kkelly/med/hereford.html>, acesso em 4 de Janeiro de 2009.